

O PROBLEMA da Cultura em Portugal

É este um dos problemas mais graves que a nova geração tem de resolver. O nosso nível cultural é baixo, muito baixo, diz-se a cada momento. Na realidade, 95 % da população portuguesa (incluimos uma grande parte da camada escolar—docente e discente) ou é de uma ignorância atroz ou de um atrazo impressionante. Os grandes problemas da nossa época desconhecem-se e por vezes nem existem mentalidades aptas a compreendê-los.

Procurar educar essa massa inconsciente, fazê-la viver e sentir as grandes interrogações do momento que atravessamos, eis as directrizes que a nós próprios impusemos.

“SOL NASCENTE,” só aquêcerá verdadeiramente essas almas inquietas e ávidas de conhecimentos, só realizará uma verdadeira obra humana e renovadora se procurar *educar*.

Educar, porém, não é publicar artigos que pela sua elevação de ideias ou re-

buscado de linguagem espantem o público que os lê sem compreender. De mais conhecemos as conseqüências nocivas desta atitude. A cada passo encontramos um cético, um descrente, um desorientado. Dúvida, descrença das suas possibilidades, desorientação mental são os frutos dêsses ensaios e artigos que agitam problemas sem os explicar, que são verdadeiras pílulas concentradas que provocam uma indigestão intelectual.

O verdadeiro sentido da nossa acção é outro. Sabemos onde devemos começar. Sabemos que a cultura se realiza do *simples* para o *complexo*, do *fácil* para o *difícil*. E êsse “*simples*,” êsse “*fácil*,” é desconhecido do grande público português.

“SOL NASCENTE,” *quere* educar e nessa sua acção contempla, cheio de esperança, aqueles a quem desdeñosamente chamam os *não-intelectuais*.

Nisto residem, essencialmente, as directrizes da sua obra de cultura.

“PENSAMENTO” E A CULTURA

Hoje mais do que nunca se torna necessária a união de todos os que se preocupam com a difusão duma Cultura humana da Vida e para a Vida. E' inadmissível que haja quem fique atido a preconceitos estéticos ou de qualquer outra ordem, sobrepondo valdades pessoais à obra colectiva que urge realizar.

Por isso verberamos a atitude arruaceira da revista «Pensamento» em face de um reparo crítico de «O Diabo»,

em que êste jornal, reconhecendo as boas intenções da sua Direcção, lhe attribua contudo certa incompetência, confusão e desconhecimento de assuntos. Diga-se, de passagem, que, com isto, não fazia mais do que exprimir cara a cara, sem o veneno lisonjeiro duma estimação incon siderada (pelos vistos, tam grata a «Pensamento»...), uma opinião de que grande parte —estavamos tentados a dizer a *totalidade*—da juventude que hoje se interessa pela Cul-

tura comparticipa: a nossa própria opinião!

Apesar de situados em posição diversa, não nos move contra «Pensamento» qualquer animosidade preconcebida. Nas condições actuais, vemos até com certa simpatia os principios de acção que se propõe. O que afirmamos é a ineficácia dos seus esforços para qualquer actividade cultural séria. Ineficácia—em razão dos meios (um apostolado utópico e descoordenado) e da carência de esclarecimento

mental e crítico (em que, ao cabo, se traduz qualquer formação cultural).

E quando a esta ineficácia se allia uma falta de lealdade para com os que prosseguem honestamente, até onde as suas forças o permitem, no cumprimento da sua missão, não podemos deixar de repudiar, entristecidos, atitudes mesquinhas e agressivas como a de «Pensamento» (que, afinal, só a si o deslustra) e afirmar a «O Diabo» a nossa solidariedade.